

MATTOSO CÂMARA E OS AMBÍGUOS PRIMEIROS PASSOS DA LINGÜÍSTICA SINCRÔNICA NO BRASIL (1940-1960)

Olga Coelho
(Universidade Presbiteriana Mackenzie)*

1. Introdução

Definem-se, em historiografia lingüística, duas perspectivas tradicionais em que se pode colocar o historiógrafo para a reconstrução da história: a internalista e a externalista. A primeira enfatiza os pressupostos, os conteúdos e os métodos desenvolvidos em momentos-chave do percurso da disciplina. A segunda procura conectar a gênese e o desenvolvimento de teorias e práticas com a linguagem aos fatores contextuais que possam ter contribuído para a sua conformação.

Embora nenhuma dessas perspectivas seja plenamente satisfatória, porque ambas nos conduzem à fragmentação do objeto conteúdo-contexto, que, em história, é uno, optamos por adotar a segunda neste texto. Nela enxergamos maiores possibilidades de reflexão sobre os percalços da lingüística sincrônica no momento de sua emergência como paradigma científico no Brasil.

Ao que parece, o percurso inicialmente traçado pela disciplina foi mais fortemente influenciado por variantes relacionadas ao contexto acadêmico e às relações que nele se estabeleciam do que ao eixo teórico que passava a se definir a partir dos trabalhos de Joaquim Mattoso Câmara Júnior (1904-1970).

Neste texto, portanto, procuramos enfatizar o papel daquilo que Altman (1998) denomina fatores “externos” – isto é, aqueles que circundam e contextualizam a produção lingüística propriamente dita –, atendo-nos, sobretudo, à questão do ambiente acadêmico e institucional em que surgiram e foram recepcionadas as *Lições de Lingüística Geral* (1941).

2. Um Período organizador

O intervalo compreendido entre os anos 1940 e 1950 constitui um momento bastante especial para a história dos estudos sobre a linguagem no Brasil.

* O texto reorganiza e reavalia reflexões apresentadas em Coelho 1998 e 1999.

Principalmente em termos institucionais, essas décadas concentram realizações cruciais, que redundaram na profissionalização do Homem de Letras na separação formal de disciplinas que começavam a se individualizar no campo.

A essa época, os cursos de Letras formavam suas primeiras turmas em Faculdades de Filosofia recentemente fundadas. A par das instituições de ensino superior, eram criados institutos, associações, academias e importantes periódicos especializados. Em função desses processos, a profissão de estudiosos da linguagem adquiria, pela primeira vez, *status* de especialidade.

De forma também inédita, o estudioso da linguagem passa a organizar o seu quadro de tarefas, seja elegendo um elenco próprio de atribuições, seja procurando estabelecer fronteiras mais nítidas entre áreas diferentes – procedimento que mais tarde se converteria em separação efetiva de disciplinas e de grupos de especialistas.

Se é necessário reconhecer que alguns dos espaços institucionais construídos para a discussão acadêmica – como a *Academia Brasileira de Filologia* (1944) e a *Revista Filológica* (1940-1956) – resultaram dos esforços da geração anterior, também é importante assinalar que a geração de Mattoso Câmara procurou multiplicar esses núcleos. É assim que surgem instrumentos de institucionalização como o *Boletim de Filologia* (1946-1949), o *Jornal de Filologia* (1953-1961), a revista *Letras* (1953- hoje), a *Revista Brasileira de Filologia* (1955-1961), o *Centro de Estudos em Dialetoologia* (1953) e o *Setor Lingüístico* (1958) no Museu Nacional.

Notamos, assim, que, à coincidência feliz de ter começado a atuar no campo ao mesmo tempo em que as autoridades governamentais passavam a investir nas chamadas ciências desinteressadas, abrigadas pelas Faculdades de Filosofia, a geração de estudiosos da linguagem que começou a atuar nos anos 1940 juntou seu próprio empenho para criar associações, centros de estudos, periódicos, etc, e estes, em conjunto com as instituições universitárias, viriam favorecer o desenvolvimento da área de estudos no país.

Ao lado de Mattoso Câmara, destacam-se, nesse período, sobretudo filólogos, como Sílvio Edmundo Elia (1913-1998), Serafim Pereira da Silva Neto (1917-1960), Ernesto de Faria Júnior (1906-1987), Francisco da Silveira Bueno (1898-1989), Celso Ferreira da Cunha (1917-1989), Gladstone Chaves de Melo (n.1917).

Essa geração encontraria situação institucional mais favorável, que ampliaria tanto as suas perspectivas profissionais – anteriormente circunscritas ao ensino formal de língua no nível médio – quanto as possibilidades de aperfeiçoamento de suas aptidões, até então totalmente dependentes do esforço autodidático. Depoimentos das personagens dessa história confirmam essa interpretação:

A fundação das Faculdades de Filosofia proporcionou o aproveitamento de vocações para o ensino superior, as quais, sem essas escolas superiores, ficariam limitadas e como que estagnadas no ensino secundário. De fato, o ensinar numa faculdade impõe ao professor a obrigação de aperfeiçoar-se continuamente, adquirindo livros, pon-do-se a par do que se faz nos grandes centros universitários da Europa e dos Estados Unidos, alargando, enfim, o âmbito de seus interesses intelectuais (Silva Neto in *Prefácio* a Elia 1955, p. 9).

Como praticamente toda a sua geração, Mattoso Câmara especializou-se em estudos da linguagem antes de terem sido criadas as Faculdades de Filosofia. Era arquiteto e advogado. Nisso, porém, igualava-se a boa parte de seus pares, contemporâneos ou mais antigos.

Cursos como os de Direito e Teologia, embora não tenham sido exclusividade (v. levantamento exaustivo para esta geração em Coelho (1998), foram muito procurados pelos futuros filólogos e linguistas. A motivar essa formação precedente, a razão mais óbvia:

Eu fiz um curso superior. Mas [...] não havia Faculdades de Letras; isso só foi criado em 1940 [sic]. Então eu fiz um curso de Direito e terminei em 1936. (Elia, em depoimento pessoal de 1996)

A situação, em relação à formação, ainda não se alterara para essa geração, que, como a de Sousa da Silveira, Said Ali, Augusto Magne e outros, proveio de outros campos. No entanto, a situação profissional começava, ao menos parcialmente, a se modificar.

Elia (1975) definiria, em função dessa ambigüidade, sua geração como “transitória”: quase toda ela lecionou em cursos de letras, sem tê-los cursado.

[Quando] Eles criaram a Faculdade [Nacional] de Filosofia, [...] não tinham professores, os professores já estavam todos trabalhando, ou no Pedro II ou ... eles tiraram os professores do curso secundário, do Instituto de Educação, ou do Colégio Militar, que eram os principais estabelecimentos [no Rio de Janeiro]

Os diferentes fatores de institucionalização que convergiram para a década de 1940 trouxeram como resultado um *status* diferenciado para o professor e para sua produção intelectual.

Em vista disso, não é de se estranhar que nesse período se concentre também o início dos debates acerca das subáreas que comporiam o campo, especialmente aquelas que se definiam como Filologia e Lingüística.

No instante em que se construía, entre os cientistas e perante a sociedade, uma identidade oficial para a atividade de tratar a linguagem, tornava-se natural o surgimento de preocupações com a determinação do papel e do lugar de

disciplinas que a floravam no campo como distintas – a primeira, já com o peso de uma tradição luso-brasileira, a segunda como novidade introduzida por Mattoso Câmara.

O impulso organizador desse período estende-se, pois, à tentativa de determinar o que seriam a Lingüística e a Filologia. A atmosfera, no entanto, era de poucas certezas. Chaves de Melo (1951) talvez apresente a melhor síntese sobre a percepção que teve esse grupo de conflitos que apenas começavam a ser insinuados:

... não é fácil ainda nesta altura dos acontecimentos apurar melhor os conceitos e separar as duas disciplinas. Nossa luta ainda não chegou nessa frente. Fere-se ainda numa outra bem mais próxima, em que forcejamos por distinguir os estudos lingüísticos de orientação científica das enganosas e fátuas especulações dos gramatiqueiros e forjadores de regrinhas gratuitas (Chaves de Melo em Silva Neto e Chaves de Melo 1951, p. 57)

A primeira tarefa seria determinar o que poderia ser considerado ciência e o que não poderia, uma vez que a nova geração era constituída por especialistas. Mas o texto insinua que, apesar de estarem indefinidos os limites entre as duas disciplinas, já era possível ao cientista compreender que havia dois modos complementares e, ao mesmo tempo, distintos de tomar o objeto linguagem e que, portanto, as atividades e responsabilidades de um lingüista e de um filólogo deveriam, em alguma medida, se diferenciar.

É nesse contexto que são inaugurados os estudos de lingüística contemporânea no Brasil. O marco inicial são as *Lições de Lingüística Geral*, de Mattoso, publicadas em 1941. A gênese do texto remonta, contudo, ao final da década anterior: com 33 anos, Mattoso Câmara destacara-se como aluno-ouvinte do célebre curso ministrado por Georges Millardet na Universidade do Distrito Federal. No ano letivo seguinte, assumiria o lugar do mestre na mesma Universidade. As *Lições* (a partir de 1954, *Princípios de Lingüística Geral*) sintetizariam esse percurso.

3. Mattoso Câmara e o Paradigma Filológico

As teorias e práticas descritivas propostas por Mattoso Câmara nas *Lições de Lingüística Geral* de fato introduziram, nesse período, uma ruptura nos modos correntes de se tratar a linguagem. No entanto, parece-nos inexato afirmar que seu autor não tenha sido incorporado à estrutura organizacional existente.

Não são poucos os fatos que parecem reforçar essa hipótese: as *Lições* foram apresentadas ao público especializado por um prefácio elogioso de um dos ícones da tradição filológica no país, Álvaro Ferdinando de Sousa da Sil-

veira (1883-1967), e o lingüista, se não obteve em sua carreira acadêmica uma cátedra na Faculdade Nacional de Filosofia – que parecia corresponder a uma meta pessoal –, integrou o corpo docente daquela instituição, assim como o corpo de membros efetivos da Academia Brasileira de Filologia e, ainda, o corpo de diretores-editores do *Boletim de Filologia* e da *Revista Brasileira de Filologia*. Além disso, seus textos tiveram guarida em praticamente todos os periódicos em que também publicavam filólogos de destaque (cf. Coelho 1998). Portanto, se a sua posição no grupo de especialistas que se definia não foi a mais destacada, não foi também o que poderíamos rotular de posição marginal.

Stephen Murray, em obra de 1994 em que analisa os processos sócio-políticos envolvidos na formação e no desenvolvimento de grupos científicos, defende a variável “acesso a reconhecimento” como um dos fatores decisivos para a “escolha de retórica”. A escolha de retórica – isto é, o posicionamento assumido por um cientista em relação aos grupos tomados como ‘paradigmáticos’ (Kuhn 1987[1962]) em uma área de pesquisa – pode ser “de continuidade” ou “de ruptura”. A análise de textos produzidos por Mattoso nos anos 1940 e 1950 aponta para a continuidade, como se verifica no trecho transcrito abaixo. Essa postura talvez deva ser creditada ao reconhecimento, ao menos parcial, a que teve acesso no período.

[Filologia] Helenismo que significa literalmente ‘amor à ciência’, usado a princípio com o sentido de erudição, especialmente quando interessada na exegese dos textos literários. Hoje designa, estritamente, o estudo da língua na literatura, distinto portanto da Lingüística. **Há, porém, um sentido mais lato para filologia, muito generalizado em português; assim Leite de Vasconcellos entende por filologia portuguesa ‘o estudo da nossa língua em toda a sua plenitude**, e o dos textos em prosa e verso, que servem para a documentar’. (Mattoso Câmara 1956)

Tal como Silva Neto e Chaves de Melo, que se consideravam filólogos, Mattoso previa, diplomaticamente, a possibilidade de tomar a filologia como ciência geral, responsável pelo estudo da linguagem em toda a sua plenitude.

Para Murray (*op. cit.*), um conjunto de novas idéias é reconhecido como promissor não apenas por seus traços intrínsecos, livres de contexto, mas pelo fato de um grupo relevante de cientistas assim o conceber, tornando-o, posteriormente, o mais convincente para a maioria dos indivíduos que atuam no campo.

As idéias e as práticas filológicas que concorriam com aquelas que eram propostas pelo lingüista Mattoso Câmara no período não eram necessariamente melhores, mas se configuravam como boas no contexto em que surgiam.

Para a configuração deste quadro, encontraremos, ainda uma vez em Murray (1994), argumentos convincentes.

4. Percursos Opostos: Mattoso Câmara e Silva Neto

Murray (*op. cit.*) define a função de cientista provedor e defensor de idéias de um grupo científico como “liderança intelectual” e atribui a ela a responsabilidade por boa parte do sucesso obtido por esse grupo na difusão do paradigma (Kuhn 1987[1962]) que representa. Outra parte desse sucesso dependeria daquilo que ele denomina “liderança organizacional”, papel desempenhado por cientistas ou outras pessoas responsáveis pela criação dos meios de difusão daquelas idéias entre os membros da comunidade científica.

Nesta geração, para a defesa das idéias defendidas pelos filólogos, Serafim da Silva Neto parece ter despontado como liderança organizacional e intelectual.

No âmbito organizacional, durante os anos 1950, propôs a criação do Centro de Estudos de Dialectologia Brasileira no Museu Nacional (1953) – que, aprovado, não chegou a efetivar-se (v. Mattoso Câmara in Naro 1976, p. 57) –, fundou a *Revista Brasileira de Filologia*, apontada em diferentes crônicas históricas como um dos mais representativos periódicos da área de Letras da época (cf. Boléo 1967; Coseriu in Naro 1976; Elia 1975; Altman 1998, Coelho 1998), e coordenou uma verdadeira cruzada pelas Faculdades de Letras do país com vistas à difusão dos métodos da geografia lingüística.

Atuando como liderança intelectual, destacou-se com uma produção ampla e heterogênea, constituída ao longo de vinte e dois anos de intenso trabalho, dirigido, principalmente, ao tratamento da história da língua portuguesa e de assuntos a ela correlatos (v. Coelho 1998),

Em 56 ele já era a figura dominante. Ele já tinha começado a publicar a *História da Língua Portuguesa*, ele já tinha publicado muitas coisas e era também o homem que tinha a maior biblioteca de Lingüística. Tinha uma coisa enorme de biblioteca. [...] Era a biblioteca melhor de toda a América Latina e não só de Lingüística românica ou Lingüística portuguesa. Ele tinha muitíssimo de Lingüística geral e, coisas que ninguém tinha, ele tinha pessoalmente, porque comprava na Europa, nas viagens. E tinha manuscritos... ele tinha uma coisa incrível! (Coseriu, depoimento pessoal inédito incorporado ao projeto *Primeira Pessoa do Singular*)

Condições pessoais favoráveis, como a citada acima em relação a viagens internacionais e aquisições de livros, periódicos, manuscritos, para a sua ‘incrível’ biblioteca, posteriormente doada à UFRJ, talvez tenham facilitado o afloramento precoce e a manutenção de seus talentos, que nos finais dos anos

50 pareciam ser indiscutíveis, tanto para seus contemporâneos quanto para os representantes mais antigos da tradição filológica luso-brasileira.

Esse prestígio intelectual obtido já a partir de 1938 e crescente até 1960, ano em que faleceu, permitia-lhe apontar caminhos para a sua disciplina – postura que se manifestou no tom programático de muitos de seus textos.

Nesse mesmo período, a linguística parecia não contar com uma figura de perfil semelhante para guiá-la. Mattoso Câmara, com idéias que posteriormente foram reconhecidas como boas, adequadas, não alcançou o mesmo destaque à época, talvez por não ter marcado, tão claramente como a geração de linguistas que o sucedeu, uma postura de ruptura em relação à tradição filológica.

Ao que parece, a Linguística defendida por ele foi percebida como um acréscimo à Filologia e não como uma disciplina autônoma:

[O filólogo] Há que empreender excursões de estudos, há que pesquisar os objetos da cultura material, há que estudar as mais variadas profissões para lhes poder penetrar a essência dos termos técnicos.

Assim, podemos dizer que a Filologia Portuguesa – na definição que reputamos aceitável de D. CAROLINA MICHAËLIS – é o estudo científico, histórico e comparado da língua nacional em toda a sua amplitude, não só quanto à gramática (fonética, morfologia, sintaxe) e quanto à etimologia, semasiologia, etc., mas também como órgão da literatura e como manifestação do espírito nacional. Nos tempos greco-romanos a Filologia era apenas o estudo dos textos, já que ainda não se havia descoberto a importância capital do estudo das falas populares. Hoje, entretanto, com o desenvolvimento científico iniciado por Bopp e outros sábios, a Filologia abrange, além da perspectiva histórica da língua, até os assuntos puramente sincrônicos, isto é, as descrições de estados de língua.[...]

Para terminar, diremos que há duas disciplinas intimamente relacionadas com a Filologia Portuguesa. Trata-se da Filologia Latina, que estuda cientificamente o latim (baseando estudos das línguas românicas) e da Linguística Geral, ciência de princípios gerais, aplicáveis a quaisquer línguas, que serve de preparação inicial. (Silva Neto 1956, p. 16)

A Filologia é compreendida como uma disciplina bastante ampla: os conceitos de Silva Neto, difundidos e aceitos na comunidade de estudiosos brasileira do período, apontam para uma Filologia com uma certa feição multidisciplinar. Esta Filologia ampla, que estudaria, histórica e estaticamente, línguas inseridas em seus contextos sociais e tomadas como elementos de cultura,

manteria relações estreitas com a Lingüística, ciência geral da linguagem, que, tendo caráter eminentemente teórico, forneceria aos filólogos a preparação básica para efetuar, em padrões científicos, o seu trabalho de tratamento direto e exaustivo dos problemas das línguas:..

5. Considerações finais

Parece necessário nuançar o insucesso das idéias defendidas por Mattoso Câmara, assim como o grau de ostracismo a que esse pesquisador esteve submetido em épocas de domínio filológico. Ao contrário do que afirmam algumas revisões históricas do período, os primeiros passos da lingüística sincrônica no Brasil talvez não tenham sido tão tortuosos.

Da perspectiva institucional, observamos que Mattoso Câmara esteve relativamente bem integrado ao grupo de estudiosos da linguagem de elite em sua época.

Do ponto de vista da recepção às novas idéias que propunha, se é fato incontestável que a Lingüística sincrônica não foi, para a sua geração, a forma preferencial de conduzir estudos sobre língua/linguagem, é também necessário reconhecer que os filólogos, como bem exemplifica a obra de Silva Neto, conheceram e utilizaram a literatura chamada lingüística. Não houve aversão ou repulsa à outra disciplina, que aliás, ainda nem se diferenciava claramente da Filologia, segundo o que nos relata Chaves de Melo (1951). Não se conferiu a mesma relevância à lingüística, parece-nos, em virtude do megapapel atribuído à Filologia – por Silva Neto e também pelo grupo-geração que o elegeu cientista exemplar. Em face desse papel, a Filologia seria uma disciplina capaz de oferecer ferramentas para o estudo completo das questões de língua e, se o papel da Filologia era estudar praticamente todos os assuntos – diacrônicos e sincrônicos –, de fato restaria pouco a ser feito pela Lingüística.

6. Referências Bibliográficas

Altman, Cristina. 1998. *A Pesquisa Lingüística no Brasil (1968-1988)*. São Paulo: Humanitas.

Boléo, Manuel de Paiva. 1961. “Serafim da Silva Neto”. *Revista Portuguesa de Filologia* X (161):409-418.

Chaves de Melo, Gladstone. 1951. *Iniciação à Filologia Portuguesa*. Rio de Janeiro: Organização Simões.

Coelho, Olga. 1998a. *Serafim da Silva Neto (1917-1960) e a Filologia Brasileira. Um Ensaio Historiográfico sobre o Papel da Liderança na Articulação de um Paradigma em Ciência da Linguagem*. Dissertação de Mestrado. São

Paulo: Departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

———. 1999. Filologia e Linguística no Brasil (1940-1960). O Ponto de Vista Filológico. Cristina Altman, Miguel Salles e Olga Coelho (Orgs.). *Boletim GT Historiografia da Linguística Brasileira*. São Paulo, Humanitas, vol. 3, p. 37-60.

Coseriu, Eugenio. 1967. “Perspectivas Gerais”. In Naro, Anthony (org.). 1976. *Tendências Atuais da Linguística e da Filologia no Brasil*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.

———. 1993. Depoimento Pessoal. [Material integrante do arquivo do CEDOCH-DL-USP e do corpus do projeto *Primeira Pessoa do Singular*]. Inédito.

Elia, Sílvio Edmundo. 1955. *Orientações da Linguística Moderna*. Rio de Janeiro: Acadêmica.

———. 1960. “Serafim da Silva Neto”. *Revista Brasileira de Filologia* 5(1):9-16.

———. 1967. “A Contribuição Filológica de Serafim da Silva Neto”. In Azevedo Filho (org.). *Estudos Filológicos em Homenagem a Serafim da Silva Neto*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

———. 1975. “Os Estudos Filológicos no Brasil”. *Ensaio de Filologia e Linguística*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Grifo/MEC.

———. 1996. Depoimento Pessoal. [Material integrante do arquivo do CEDOCH-DL-USP e do corpus do projeto *Primeira Pessoa do Singular*, parcialmente publicado em Cristina Altman (Org.). 1999. *Boletim GT Historiografia da Linguística Brasileira*, vol. 4, p. 33-46].

Guérios, Rosário Mansur. 1960. “Prof. Dr. Serafim da Silva Neto”. *Letras* (11):240-241

Kuhn, Thomas. 1987[1962]. *A Estrutura das Revoluções Científicas*. [Trad. Bras. de Beatriz Vianna Boeira e Néelson Boeira do original inglês de 1962]. São Paulo: Perspectiva.

Machado, José Pedro. “Serafim Silva Neto”. *Revista de Portugal* 25 (188):390-391.

Mattoso Câmara Jr. 1954. *Princípios de Linguística Geral*. Rio de Janeiro: Briguiet.

———. 1981. *Dicionário de Linguística e Gramática, Referente à Língua Portuguesa*. 10ª ed. Petrópolis: Vozes.

Murray, Stephen. 1994[1983]. *Theory Groups and the Study of Language in North America: a Social History*. Amsterdam: John Benjamins.

Naro, Anthony (org.). 1976. *Tendências Atuais da Linguística e da Filologia no Brasil*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.

Silva Neto, Serafim Pereira da. 1938. *Fontes do Latim Vulgar. O Appendix Probi*. Rio de Janeiro: ABC.

———. 1956. *Introdução ao Estudo da Filologia Portuguesa*. Rio de Janeiro: Livros de Portugal.

———. 1957[1955]. *Guia para Estudos Dialetológicos*. Belém: INP da Amazônia.

———. 1963[1950]. *Introdução ao Estudo da Língua Portuguesa no Brasil*. 2ª ed. Rio de Janeiro: MEC.

———. 1988[1952]. *Manual de Filologia Portuguesa*. 4ª ed. Rio de Janeiro/Brasília: Presença/INL.

———. [1951]. Silva Neto, Serafim da e Chaves de Melo, Gladstone. *Conceito e Método da Filologia*. Rio de Janeiro: Organização Simões.